

A questão da vida e da morte na filosofia de Francis Bacon

Luciana Zaterka *

José Eduardo M. Baioni [∞]

1 INTRODUÇÃO

Dentre os vários questionamentos que a nossa sociedade contemporânea vivencia, existe um que foi objeto de estudo privilegiado por parte de Francis Bacon (1561-1626), a questão do prolongamento da vida: temos condições materiais e técnicas para prolongar a vida humana? Devemos prolongar a vida humana? É sabido que, a partir da filosofia baconiana, o homem reinstaura a plena autorização, contida no texto bíblico, para exercer o domínio sobre a natureza, império esse não só praticado sobre a natureza externa (o mundo natural), mas também sobre si próprio, no limite, sobre o seu próprio corpo. De fato, quando os antigos falavam em prolongamento da vida eles não acreditavam na possibilidade da arte humana ter condições de interromper ou mesmo retardar a tendência natural de todos os corpos vivos à morte. Assim, há uma diferença importante entre adiar a morte ao combater as doenças, ou preservar a saúde e um prolongamento efetivo da vida por meio da arte e da técnica humanas. Em outras palavras, existe uma diferença nuclear entre adicionar tempo

* Centro de Ciências Naturais e Humanas da Universidade Federal do ABC. Rua Arcturus, 03, Bloco Delta, sala 238, 2º andar, Jardim Antares, São Bernardo do Campo, SP, CEP 09606-070. E-mail: zaterka@uol.com.br

[∞] Departamento de Filosofia e Metodologia das Ciências da Universidade Federal de São Carlos. Rodovia Washington Luis, Km 235, São Carlos, SP, CEP 13565-905. E-mail: baioni@uol.com.br

para além da determinação imposta pela natureza ou por Deus e curar uma doença pela arte no sentido de simplesmente adiar a morte. Bacon, sem dúvida, terá um lugar fundamental para a mudança de perspectiva com relação a essa premissa. Essa grande virada imposta pela modernidade diz respeito à possibilidade, inimaginada até então, não somente do homem ser capaz de acelerar o curso da natureza, mas como seu “*minister et interpres*” ser capaz de produzir novas naturezas. Naturezas artificiais, porém ontologicamente semelhantes às naturezas originais.

É nesse sentido que a *Historia vitae et mortis* (1623), junto com *De vijs mortis* (1610) e *De dignitate et augmentis scientiarum* (1623), reflete uma temática necessária para que possamos compreender, de fato, a finalidade do projeto baconiano: a restauração do conhecimento perdido pelo pecado original por meio de uma nova concepção de ciência experimental e operativa voltada, sobretudo, para o bem-estar da maioria. *A história da vida e da morte* é um texto com aproximadamente 200 páginas na sua edição bilíngue latim/inglês. *Em linhas gerais*, a obra está estruturada da seguinte maneira: uma breve saudação e um prefácio, seguida de “tópicos especiais da pesquisa”. Nessa seção, o autor apresenta sua teoria da matéria, composta de espíritos e matéria tangível. Esta última é passiva, fria e inerte, e então resistente às mudanças. É bom lembrarmos ainda que, para Bacon, o universo é um pleno finito e geocêntrico no qual a região acima da Lua contém inteiramente substâncias pneumáticas livres, e o centro da Terra é constituído somente de matéria tangível. É apenas na região abaixo da Lua e acima do centro da Terra que matéria tangível e espíritos se encontram e, portanto interagem. De fato, no mundo sublunar não existem somente corpos pneumáticos livres — ar e fogo —, mas duas classes de substâncias pneumáticas (compostos de ar e chama) encerradas, envolvidas numa matéria tangível. Os espíritos, corpos materiais, mas extremamente sutis, são divididos em espíritos vitais e inanimados. Interessante notar que Bacon afirma que a causa da dissolução dos

corpos está nos espíritos inanimados, especialmente no seu contato com o ar externo, e não nos vitais, como poderíamos imaginar. Em seguida, na seção intitulada a “natureza dos duráveis”, trata dos corpos que permanecem na mesma condição por um tempo maior e discute o porquê desses últimos serem predominantemente duros e oleosos, pois possuem qualidades que conseguem deter os espíritos inanimados. A seguir, Bacon apresenta a temática da longevidade nos animais e discute as principais diferenças entre os corpos vivos e os inanimados: os primeiros necessitam de alimentação. Finalmente, numa seção que engloba 20% da obra, introduz a problemática da longevidade em seres humanos. Esse tópico está subdividido em duas partes: entre os parágrafos 1 a 22, são fornecidos exemplos de homens que tiveram uma vida muito longa e aqui notamos o seu empirismo posto em prática, ou seja, o lugar importante da história natural e dos testemunhos para a sua filosofia natural; utiliza inúmeras fontes distintas, tais como o Novo e Velho Testamentos, fontes romanas e gregas, bem como sua leitura de Plínio, o Velho. Já entre os parágrafos 23 a 50 apresenta, na seção mais longa do livro, cerca de 40% da obra, alguns remédios para o prolongamento da vida, isto é, remédios que conseguem refrear a consumpção dos corpos, isto é, o seu definhamento progressivo: ópio, nitro, alho, emoções moderadas e um bom sono são alguns exemplos. Em seguida, nosso filósofo fornece suas três intenções e as dez operações que lhes acompanham. Por fim termina a obra apresentando as suas trinta e duas regras com relação à duração da vida, bem como as formas da morte.

Evidentemente, a leitura e discussão dessa obra pode nos conduzir para as mais diferentes reflexões e inquietações. Todavia, como leitores interessados na história e na filosofia da ciência, especialmente na história e na filosofia da biologia, uma questão talvez se sobressaia sobre as demais: qual a concepção de vida que Francis Bacon adota e que está subjacente à presente obra? Em outras palavras o autor do *Novum Organum* é um mecanicista ou um vitalista? Por um lado, alguns estudiosos acreditam que como a vida é um princípio da

matéria, Bacon seria um vitalista. Por exemplo, Gerald Gruman, em *A history of ideas about the prolongation of life* (Uma história das ideias sobre o prolongamento da vida), obra que exerceu grande influência nos estudos das ciências da vida, apresenta um Bacon pouco inovador, defendendo ideias antigas por meio de novos nomes; em outras palavras, sua teoria da longevidade utilizaria como fio condutor conceitos vitalistas já presentes no âmbito do naturalismo renascentista (Gruman, 2003). Nesse sentido, seguindo a tradição naturalista do Renascimento, Bacon indicaria, sobretudo, a presença de apetites, movimentos e impulsos em todos os corpos materiais. Por outro lado, alguns autores acreditam que a matéria é o princípio da vida. Guido Giglioni, em artigo recente, apresenta a discussão baconiana sobre a vida em termos de uma substância inanimada; nesse sentido, a matéria é o princípio da vida, pois todos os processos vitais como a vivificação, a regeneração e o prolongamento da vida devem ser analisados pelas lentes dos corpos inanimados. O autor enfatiza a redefinição baconiana das próprias noções de substâncias animadas e inanimadas e, portanto, no limite, da vida e da morte, “pois só a partir de uma sólida compreensão da natureza da matéria viva pode surgir uma técnica plausível para prolongar a vida” (Giglioni, 2005, p. 141). Aqui teríamos uma concepção claramente mecanicista, pois o objetivo de Bacon seria entender as complexidades do ser vivo pelo estudo dos corpos inanimados. Ora, nenhuma das duas respostas parece *stricto sensu* satisfatória. Do nosso ponto de vista, Bacon possui uma teoria da matéria com características mistas. Talvez herdeiro de uma concepção alquímica, paracelsista e ativa de matéria, postula que toda a matéria é viva, afinal, no limite, toda a matéria possui movimento. Neste sentido, ele não adere ao atomismo clássico. Porém, ao mesmo tempo, opera sempre com a materialidade complexa das substâncias, criticando inclusive qualquer princípio que não seja redutível ao âmbito material. Desta perspectiva, estaria utilizando uma concepção de matéria ativa, porém absolutamente física e não metafísica.

2 TRADUÇÃO¹: FRANCIS BACON, *A HISTÓRIA DA VIDA E DA MORTE, OU TÍTULO SEGUNDO DA HISTÓRIA NATURAL E EXPERIMENTAL PARA EDIFICAR A FILOSOFIA, QUE É A TERCEIRA PARTE DA INSTAURAÇÃO MAGNA*

Para as gerações presentes e futuras,
Saudações

Embora eu tenha situado *A historia da vida e da morte* como a última das seis histórias [naturais] que planejei², decidi colocá-la à frente e publicá-la em segundo lugar, tendo em vista a utilidade excepcional do assunto, um assunto em que a menor perda de tempo deve ser vista como preciosa. Pois espero e desejo que ela trabalhe para o bem de muitos, e que os mais notáveis médicos elevem um pouco suas mentes, e não mergulhem em curas mercenárias, nem adquiram honra apenas por necessidade, mas se tornem servos da onipotência e misericórdia de Deus no prolongamento e renovação da vida do ho-

¹ BACON, Francis. *The history of life and death, or the second title in the natural and experimental history for the building up of Philosophy, which is the third part of the Great Instauration*. Pp. 140-377, in: REES, Graham (ed.). *The Oxford Francis Bacon*. Vol. XII: *The Instauration Magna Part III: Historia naturalis et experimentalis: Historia ventorum and Historia vitae et mortis*. Edited with introduction, notes, commentaries, and facing-page translations by Graham Rees and Maria Wakely. Oxford: Oxford University Press, 2007 (ed. bilíngue latim-inglês). A seleção corresponde às seguintes páginas da versão inglesa, que ocupa as páginas ímpares: pp. 143; 145-149; 151-155; 159; 245-247; 347-377.

² *A historia da vida e da morte* é uma das seis histórias naturais que constituem a *Historia naturalis et experimentalis*, concebida como a terceira parte da *Instauration Magna* (*Grande Instauration*). As demais histórias naturais são a dos Ventos, a do Denso e Raro, a dos Graves e Leves, a da Simpatia e da Antipatia das Coisas, a do Sulfur, Mercúrio e Sal. Apenas as duas primeiras foram publicadas em 1623; as outras foram editadas postumamente. As demais partes estão descritas no Plano da Obra (*Distributio Operis*): Parte I: *Partitiones Scientiarum* (As divisões das ciências); não elaborada, mas antecipada no *The proficience and advancement of learning* (Da proficiência e do progresso do conhecimento), de 1605; Parte II: o *Novum Organum, sive Indicia de Interpretatione Natura* (*Novum Organum* ou Indicações acerca da interpretação da natureza), de 1620; Parte IV: *Scala Intellectus* (A escada do intelecto); Parte V: *Prodromi, sive Antecipationes Philosophiae Secundae* (Os precursores ou Antecipações da Filosofia Segunda); Parte VI: *Philosophia Secunda, sive Scientia Activa* (Filosofia Segunda ou Ciência Ativa). Vários textos incompletos relativos a essas partes foram editados postumamente.

mem, especialmente se alcançado por vias seguras, convenientes e civis, embora intentadas. Pois, embora nós Cristãos sempre aspiremos e desejemos a Terra Prometida, contudo, nesse meio tempo será uma marca do Favor Divino, se, em nossa peregrinação nesses vazios do mundo, esses nossos sapatos e roupas (isto é, nossos corpos frágeis) forem os menos desgastados possíveis.

A história da vida e da morte

Prefácio

Antigo é o provérbio e a queixa de que “a vida é breve e a arte longa”. Assim parece certo que eu, quem dedica sua força máxima para aperfeiçoar as artes, devo também, pela graça do Autor da Verdade e da Vida, utilizar minha mente para o prolongamento da vida humana. Pois embora esta vida mortal não seja outra coisa do que o acúmulo de pecado sobre pecado, e aflição sobre aflição, e embora aqueles que esperam pela eternidade pouco lucrem nesta vida, e mesmo assim mantenham obras de caridade, não devem ser desprezados por nós Cristãos. Além disso, o discípulo amado sobreviveu aos outros, e muitos dos Padres, especialmente os monges sagrados e eremitas, tiveram vida longa; de modo que essa graça (repetida tantas vezes na Antiga Lei) parece ter sido menos removida depois do tempo de nosso Salvador que outras bençãos terrenas. Ora, é fácil aceitar isso como o maior bem, mas uma investigação para atingir os meios para alcançá-lo é difícil, ainda mais porque ele foi corrompido por falsas opiniões e informações infundadas. Pois o que a turba médica, em geral, fala sobre o humor radical e o calor natural é enganador, enquanto o louvor extravagante, acumulado nos medicamentos químicos, só aumentam as esperanças dos homens para desiludi-los.

Ora, não publiquei a presente investigação para que os leitores se preocupassem com a morte resultante de sufocação, putrefação e das várias doenças, pois essa pertence à história da medicina; aqui estou preocupado somente com a morte causada pela desintegração e atrofia da velhice. Todavia, julgo que investigar o último passo da morte e da própria extinção da vida, que pode acontecer por muitos fatores internos e externos (exceto os fatores que ainda conduzem como se houvesse uma antecâmara comum antes de alcançar o ponto da mor-

te), é também relevante para a presente investigação, mas vou deixar isso para o final.

Qualquer coisa que pode ser reparada gradualmente, sem destruir o todo original, é potencialmente eterna, como a chama vestal³. Quando, então, os médicos e filósofos viram que animais foram alimentados e que seus corpos foram reparados e revigorados, e que isso só aconteceu por um tempo, e que não muito tempo depois eles começaram a envelhecer, e foram imediatamente arrastados para a sua destruição, esses mesmos médicos procuraram a causa da morte em alguma coisa que não poderia ser propriamente reparada, supondo que algum humor radical e primigênio não poderia ser reparado completamente, mas mesmo desde a infância adotaram uma espécie de oposição defeituosa ao invés do devido reparo, e com o tempo pioraram e, eventualmente, reduziram uma condição ruim a absolutamente nada. Os seus pensamentos eram bastante ignorantes e instáveis. Pois nos animais todas as coisas são completamente reparadas enquanto eles estão crescendo e permanecem jovens; de fato, por um tempo aumentam de tamanho e melhoram em qualidade, de modo que a matéria da reparação pode ser praticamente eterna, se os meios de reparação não falharem. Mas isso é o que realmente acontece: em nossos anos de declínio, a reparação torna-se eoxtremamente desigual, algumas partes sendo reparadas o suficiente, outras com dificuldade e não tão bem, de modo que a partir de então os corpos humanos começam a sofrer o tormento sofrido por Mezentius, *que a vida perece no abraço da morte*⁴, e que as partes facilmente reparáveis cessam porque estão unidas com aquelas difíceis de reparar. Pois mesmo após a passagem do tempo e declínio dos anos, espírito, sangue, carne e gordura facilmente se reparam, mas as partes mais secas e porosas, as membranas e todas as tunicelas, nervos, artérias, veias, ossos, cartilagens e também a maioria das vísceras, assim como quase todas as estruturas orgânicas, são reparadas com dificuldades e algum custo. Ora, essas mesmas partes, quando devem realizar o trabalho de repa-

³ Fogo inextinguível mantido no templo da deusa Vesta com a finalidade de assegurar a permanência de Roma.

⁴ O mesmo assunto foi tratado por Bacon em *De vijs mortis*, in *OFB*, vol. VI, pp. 352-354. A fonte literária de Bacon é a *Eneida* de Virgílio.

ração daquelas partes reparáveis, não podem mais cumprir as suas próprias funções, porque as suas atividades e poderes foram enfraquecidos. O resultado disso é que não muito tempo depois todas as partes começam a entrar em colapso, e as próprias partes que são intrinsecamente mais reparáveis, uma vez que os órgãos de reparação se enfraqueceram, não são mais do mesmo modo capazes de reparar-se, mas se enfraquecem, e finalmente se esgotam. Ora, a causa dessa conclusão é esta: que o espírito, como uma chama suave, sempre predatório, conivente com o ar externo – ar que também suga e seca os corpos – finalmente destrói a fábrica do corpo e suas máquinas e instrumentos, e torna-os incapazes de fazer o trabalho de reparo. Estes são os verdadeiros caminhos da morte natural e que devemos considerar de modo diligente e bem. Pois como alguém que não conhece os caminhos da natureza poderá neutralizá-los e revertê-los?

Assim, a pesquisa é dupla: de um lado, sobre a consumpção e destruição do corpo humano; e, de outro, sobre a sua reparação ou reestabelecimento; com o objetivo de conter, tanto quanto possível, a primeira, e fortalecer a última. A primeira delas diz respeito principalmente ao espírito e ao ar externo que causam a destruição; a segunda, ao processo alimentar como um todo que produz a restituição. Na medida em que começa a primeira parte da pesquisa, que se preocupa com a consumpção, tem muito em comum com o que acontece nos corpos inanimados. Pois o que o espírito inato (presente igualmente em todos os corpos tangíveis vivos e não vivos), juntamente com o ar ambiente, fazem às coisas inanimadas, tentam fazer também às animadas, embora aqui o espírito vital adicionado parcialmente abrande e bloqueie suas operações, e parcialmente os intensifique e os aumente em vão. Pois é perfeitamente óbvio que muitos corpos inanimados podem durar por um longo período sem reparo; mas os animados sem alimento e reparação rapidamente decompõem-se e morrem como fogo.

Assim, a pesquisa deve ser dupla: primeiramente, considerando o corpo humano como algo inanimado e desnutrido; e, em segundo lugar, como animado e nutrido. Mas tendo dito isso, eu agora passo para os Tópicos da Pesquisa.

Tópicos especiais ou artigos de pesquisa sobre a vida e a morte

1. Investigar sobre a natureza dos duráveis e dos menos duráveis em corpos inanimados, e também em vegetais, mas realizar a pesquisa não de uma maneira completa ou legítima, mas sumária, por títulos e como que de passagem.

2. Investigar de modo mais diligente sobre a dessecação, arefação⁵ e consumpção dos corpos inanimados e vegetais, e sobre os caminhos e processos pelos quais eles ocorrem; e, além disso, sobre a prevenção e retardamento dos mesmos, e sobre a conservação dos corpos em seu estado próprio; e novamente de maneira mais diligente sobre o amolecimento, tornar tenro e revitalização dos corpos, uma vez que comecem a secar.

Mas não devemos conduzir uma investigação perfeita ou detalhada até mesmo sobre essas coisas, já que estas devem ser buscadas no título apropriado dos Duráveis uma vez que não são as questões principais na presente pesquisa, mas apenas iluminar o prolongamento e instauração da vida nos animais. E nestas coisas (como já disse) os mesmos efeitos ocorrem, mas de sua própria maneira. Agora, a partir da pesquisa dos corpos inanimados e vegetais, passamos aos outros animais que não o homem.

3. Investigar sobre a longevidade e a brevidade da vida nos animais com fatores apropriados que parecem afetar a sua expectativa de vida.

4. Porque a [pesquisa sobre a] duração dos corpos é dupla, isto é, na identidade simples ou por reparação, a primeira pertence aos corpos inanimados sozinhos, e a segunda, aos vegetais e animais e [são] realizadas pela alimentação; olhar para a alimentação e seus caminhos e processos, mas não muito de perto (pois esta pertence ao título da assimilação e alimentação), mas, como acima, como que de passagem.

A partir da investigação sobre os animais e corpos mantidos pela alimentação, passamos para o homem; e uma vez que chegamos aqui no principal objeto de investigação, a pesquisa deve ser em todos os sentidos mais precisa e perfeita em todos os detalhes.

⁵ *Arefactio* no original latino, em inglês *arefaction*, é a dessecação das substâncias que têm de ser reduzidas a pó antes de serem pulverizadas sobre outras. Termo de uso corrente em química e farmácia antigas.

5. Investigar a longevidade e a brevidade da vida nos homens de acordo com as idades em que viveram, e suas regiões, climas, locais de nascimento e habitações.

6. Investigar a longevidade e a brevidade da vida nos homens de acordo com a sua família e descendência (como se a expectativa de vida fosse hereditária); e também de acordo com a complexão, constituição e disposição do corpo, sua estatura, meios e intervalos de crescimento; e de acordo com a forma e a composição de seus membros.

7. Investigar a longevidade e a brevidade da vida nos homens de acordo com o tempo de sua natividade, mas por ora deixando de lado as figuras astrológicas, e somente adotar observações comuns e óbvias (se tais existirem) com relação ao mês em que os nascimentos vêm a termo (por exemplo, no sétimo, oitavo, nono ou décimo mês), se de dia ou de noite, e em que mês do ano.

8. Investigar a longevidade e a brevidade da vida nos homens de acordo com a sua alimentação, dieta, modo de vida, exercício e coisas semelhantes. Quanto ao ar em que vivem e respiram, penso que deve ser investigado no artigo acima sobre os seus locais de habitação.

9. Investigar a longevidade e a brevidade da vida nos homens de acordo com os seus estudos, seus modos de vida, os afetos de suas almas e outros acidentes.

10. Investigar separadamente os medicamentos que supostamente prolongam a vida.

11. Investigar os sinais e prognósticos da vida longa ou breve; não sobre aqueles que indicam que a morte está próxima (pois isso pertence à história da medicina), mas sobre aqueles que estão abertos à observação, mesmo em boas condições de saúde, sejam esses sinais fisionômicos ou quaisquer outros.

Até agora a investigação sobre a longevidade e a brevidade da vida foi conduzida de uma maneira inábil e confusa, e planejei complementar isso por uma investigação sistemática voltada para a prática por meio de Intenções. Destas, há três espécies, e quando chegar a investigá-las indicarei suas distribuições particulares. As três intenções

gerais são a proibição da consumpção, a realização de reparação e a renovação do que tem envelhecido.

12. Investigar aquelas coisas que conservam e aliviam o corpo do homem da secura e da consumpção, ou ao menos conter e adiar essas tendências.

13. Investigar as coisas que dizem respeito a todo o processo da alimentação (de onde vem a reparação do corpo humano), de modo que possa ser adequado e com o mínimo de desperdício.

14. Investigar as coisas capazes de purgar coisas velhas e as tornarem novas; e também aquelas que tornem macias e úmidas as partes que agora estão secas e endurecidas.

Porém, uma vez que é difícil saber os caminhos da morte, a menos que primeiro examinemos e procuremos a sede e o domicílio (ou melhor, o antro) da morte, uma investigação sobre isso deve ser feita, embora não sobre todos os tipos de morte, mas somente daquelas mortes que acontecem por privação e carência, e não por violência. Pois somente a primeira relaciona-se com a atrofia da velhice.

15. Investigar sobre o momento da morte e sobre as antecâmaras que conduzem a ela em toda parte (desde que ela é causada por carência e não por violência).

Por último, desde que ajude a conhecer o caráter e a forma da velhice, a investigação sobre ela não pode ser deixada de lado; o que será melhor realizado se fizermos uma coleção cuidadosa de todas as diferenças entre a condição e as funções do corpo na juventude e na velhice; de maneira que a partir dessas diferenças seremos capazes de identificar donde provém ao final isso de que ramificam tantos efeitos.

16. Investigar cuidadosamente as diferenças nas condições e faculdades do corpo na juventude e na velhice, e se há alguma coisa que permanece até a velhice sem perda. [...]

[A natureza dos duráveis – História]

[...]

Principais Observações

1. Vamos definir a nossa posição com relação à proposição mais certa, isto é, que em cada coisa tangível existe um espírito ou corpo pneumático escondido e fechado nas partes tangíveis, e que este espí-

rito é a fonte de toda dissolução e consumpção. Assim, o antídoto para esses males é deter o espírito.

2. O espírito é detido de duas maneiras: ou por confinamento apertado, como se numa prisão, ou por uma espécie de detenção voluntária. E duas condições, do mesmo modo, os induzem a permanecer, ou seja, se o próprio espírito em si não for muito móvel ou agudo, e se, além disso, não for encorajado pelo ar externo a retirar-se. Assim, corpos que permanecem são de dois tipos: duros e oleosos. Os duros detêm o espírito embaixo; o oleoso em parte acalma o espírito e, em parte, trabalha de tal maneira que ele é menos encorajado pelo ar. Pois o ar e a água são consubstanciais, como são o óleo e a chama. Para tanto, muitas coisas sobre a natureza dos duráveis e dos menos duráveis nos corpos inanimados [são aqui investigadas].

[...]

I. As operações sobre os espíritos para mantê-los jovens e ajudá-los a recuperar sua força

História

1. Os espíritos são os artesãos e operários que fazem tudo o que acontece no corpo. Isto é afirmado pelo consentimento geral e por inúmeros casos.

2. Se um homem pudesse colocar num corpo velho espíritos da espécie característica de um jovem, é provável que esta poderosa roda pudesse colocar as outras rodas menores em movimento contrário, e fazer voltar o curso da natureza.

3. Em toda consumpção, seja pelo fogo ou pela idade, quanto mais o espírito de uma coisa ou calor tenha depredado seu humor, menor é a duração da coisa. Isso aparece e ocorre em todos os lugares.

4. Os espíritos devem ser ajustados a uma tal condição e nível de atividade que (como alguém afirma) *eles não bebam e absorvam os sucos do corpo, mas somente os beberiquem.*

5. Existem dois tipos de chamas: uma é cortante, mas fraca, como a chama de palha ou fragmentos de madeira, que faz com que substâncias finas voem, mas tem pouco efeito sobre as mais duras; a outra é forte e estável, que se inflama em corpos duros e rígidos, tais como pedaços maiores de madeira e coisas semelhantes.

6. As chamas penetrantes, embora menos robustas, secam os corpos, e os deixam fracos e sem suco; mas as chamas mais fortes os amolecem e os derretem.

7. Novamente, entre os medicamentos de dissipação alguns emitem somente as partes mais finas nos tumores e então os endurecem; mas outros os dispersam pela força e assim os amaciam.

8. Novamente, em [medicamentos] purgantes e abstergentes, alguns arrastam as partes mais fluidas rapidamente; outros extraem os mais persistentes e viscosos.

9. Os espíritos devem ser investidos e armados com tal calor que são atraídos mais para minar e destruir os corpos rígidos e inflexíveis do que tirar e carregar os finos e elaborados. Pois desta maneira os corpos se tornam frescos e firmes.

10. Os espíritos devem ser trabalhados e modificados para que eles se tornem densos, não raros, na sua substância; persistentes, e não penetrantes no seu calor; seu volume deve ser suficiente para as funções da vida, e não excessivo ou inflado em sua abundância; e estável, não contorcido ou irregular em seu movimento.

11. Os vapores podem e devem trabalhar frequentemente sobre os espíritos, como fica claro a partir dos sonhos, da embriaguez, da melancolia, das paixões alegres e na restauração dos espíritos pelo odor em casos de desmaios e cansaços.

12. Os espíritos são condensados de quatro maneiras: colocando-os no ar, resfriando-os, acalmando-os ou sedando-os. [...]

[...]

Regras variáveis concernentes à duração da vida e à forma da morte⁶

Regra 1. A consumpção não acontece, a menos que o que for perdido de um corpo passe a residir num outro.

Regra 2. Em cada substância tangível existe um espírito escondido e investido nas suas partes mais grossas; e é a partir dele que se origina a consumpção e a dissolução.

⁶ Foram traduzidas somente as regras, omitindo-se aqui as respectivas explicações que lhes seguem no original.

Regra 3. A emissão do espírito produz ressecamento; espírito que se detém e trabalha [no interior dos corpos] liquefaz, apodrece, ou vivifica.

Regra 4. Em todas as coisas vivas existem dois tipos de espíritos: espíritos mortos, da espécie encontrada nas substâncias inanimadas, e, adicionado a eles, um espírito vital.

Regra 5. As ações naturais pertencem às partes particulares, mas o espírito vital as excita e estimula.

Regra 6. Os espíritos mortos são quase consubstanciais ao ar, os espíritos vitais aproximam-se mais da substância da chama.

Regra 7. Os desejos do espírito são dois: um é multiplicar-se, o outro é sair e se reunir com os seus conaturais.

Regra 8. O espírito detido, se não tem os recursos para gerar novo espírito, de fato, torna tenras as partes mais grossas.

Regra 9. O tornar tenras as partes mais duras ocorre quando o espírito nem escapa [do corpo] nem gera [outro espírito].

Regra 10. Para manter o corpo jovem, o calor do espírito deve ser robusto, mas não violento.

Regra 11. A condensação dos espíritos na sua substância é boa para a longevidade.

Regra 12. Espíritos em abundância estão mais dispostos para fugir e são mais predatórios do que quando são escassos.

Regra 13. Espíritos igualmente distribuídos têm menos pressa de sair e são menos predatórios do que quando estão distribuídos de maneira desigual.

Regra 14. O movimento dos espíritos, quando é desordenado e intermitente, os faz mais susceptíveis a escapar e mais predatórios do que quando estão estáveis e ordenados.

Regra 15. Espíritos são detidos num corpo de estrutura sólida, embora relutantemente.

Regra 16. Nas coisas oleosas e gordurosas, mesmo que elas não sejam tenazes, o espírito é mantido de bom grado.

Regra 17. Um escape rápido do humor aquoso mantém o humor oleoso persistindo por um longo tempo.

Regra 18. O ar mantido fora contribui para uma vida longa, desde que se atente para outras desvantagens.

Regra 19. Espíritos jovens introduzidos num corpo velho podem reverter o curso da natureza em pouco tempo.

Regra 20. Sucos corporais um pouco duros e frescos contribuem para uma vida longa.

Regra 21. O que penetra pela sua tenuidade, e ainda não corrói por sua acrimônia, engendra sucos frescos.

Regra 22. A assimilação funciona melhor quando todo o movimento local cessa.

Regra 23. A nutrição a partir de fora, ou pelo menos não pelo estômago, se puder ser feita, é muito boa para a longevidade.

Regra 24. Onde a digestão não é forte o suficiente para enviar alimento, lá as partes externas devem ser estimuladas para evocar o alimento.

Regra 25. Toda a renovação imediata do corpo é causada ou por espíritos ou por emolientes⁷.

Regra 26. A emoliência é efetuada por coisas consubstanciais, por coisas que imprimem a si mesmas [nos corpos] e coisas que fecham [os poros].

Regra 27. A renovação frequente do reparável também irriga o menos reparável.

Regra 28. O esfriamento que não passa pelo estômago é bom para a longevidade.

Regra 29. A complicação [que surge] da consumpção e da reparação são obras do calor, e é o maior obstáculo para a longevidade.

⁷ *Malacissatio* no original latino; *emoliente*, se diz de coisa ou substância que tem a propriedade de amolecer, distender, abrandar.

Regra 30. A cura de doenças requer medicamentos temporários, mas devemos olhar para a duração da vida a partir de dietas.

Regra 31. O espírito vivo sofre morte súbita quando é desprovido de movimento, de resfriamento ou de alimento.

Regra 32. A chama é uma substância evanescente; o ar é permanente; o espírito vivo nos animais é um princípio equilibrado entre os dois⁸.

Fim

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACON, Francis. *The history of life and death, or the second title in the natural and experimental history for the building up of Philosophy, wich is the third part of the Great Instauration*. Pp. 140-377, in: REES, Graham (ed.). *The Oxford Francis Bacon*. Vol. XII: *The Instauration Magna Part III: Historia naturalis et experimentalis: Historia ventorum and Historia vitae et mortis*. Edited with introduction, notes, commentaries, and facing-page translations by Graham Rees and Maria Wakely. Oxford: Oxford University Press, 2007. [ed. bilíngue latim-inglês]
- GIGLIONI, Guido. The hidden life of matter: techniques for prolongation life in the writings of Francis Bacon. Pp. 129-144, in: SOLOMON, Julie Robin; MARTIN, Catherine Gimelli (eds.). *Francis Bacon and the refiguration of early modern thought*. Burlington, VT: Ashgate, 2005.
- GRUMAN, Gerald. *A history of ideas about the prolongation of life*. New York: Springer, 2003. (Classics in longevity and aging)

Data de submissão: 04/11/2013

Aprovado para publicação: 25/11/2013

⁸ No original latino: *media est Ratio*; noutros termos, para F. Bacon, o espírito vivo nos animais tem uma natureza intermediária ou compósita, entre o fogo e o ar. O primeiro fornece ao espírito vital a sua capacidade de mover o corpo que ocupa. O componente aéreo é o seu aspecto sensorio. [Nota de G. Rees, pp. 459-460]